

Varios autores dos seculos XVII e XVIII

(Continuação da página anterior)

Barbuda (P. J.) — Literatura Brasileira, pag. 214.
Fernandes Pinheiro — História Literária — 2.º vol., pag. 421.
Inocência do Silva — Dic. bibliog. 1.º vol., pag. 330.
Lery dos Santos — Pantheon Fluminense, pag. 203.
Macedo (J. M.) — Anna bog. brasileiro, 1.º vol., pag. 99.
Pereira da Silva — Os Varões Ilustres do Brasil — 2.º vol., pag. 347.
Sacramento Blake — Dic. bibliog. brasileiro — 1.º pag. 381.
Sívio Romero Mat. da Literatura Brasileira — 1.º vol., pag. 204.
Sívio Romero e João Ribeiro — Compêndio de hist. da Literatura Brasileira pag. 80.
— Vornhagen — Florilégio — 2.º volume.

Bornalo Antônio Mendes

Nasceu no Rio de Janeiro em 24 de outubro de 1750. Era filho do Francisco Mendes Borda, português governador do estado de S. Paulo, e de D. Ana Maria Alvarés e Artur. Brasileiro.
Tinha 16 anos quando, já com os preparatórios feitos, partiu para Portugal, indo matricular-se no curso de Direito Canônico da Universidade de Coimbra. Formou-se ali em 1771. Estabeleceu-se como advogado em Lisboa, praticando o respeito e a consideração de todos.
Era um apaixonado cultor da poesia, embora nunca se tivesse preocupado em formar livro com os seus trabalhos.
Faleceu em Lisboa, em 17 de fevereiro de 1806.
Bibliografia:
— A Casa do Jogo, Ode — Esta no 2.º vol. do Florilégio, de Vornhagen.
— Ode a Dom João de Almeida — idem.

Pereira, João Manso

Nasceu em Minas Gerais, pelos rurais. Foi encarregado pelo nomeado do século XVIII. Estudou grego e hebraico e as ciências no Seminário da Lapa, conheceu o verso da análise do ferro de Ipanema. Soube fabricar vinhos, aguardente, etc., entalhar móveis, fazer esculturas, etc. Era cavaleiro da Ordem de Cristo. Faleceu no Rio de Janeiro, a 20 de agosto de 1820.

Escreveu:

- Memória sobre a reforma das alambiques ou de um próprio para destilação das águas-ardecentes. Lisboa, 1797. 42 páginas. in. 8.º
- Memória sobre o método econômico de transportar para Portugal e aguardente do Brasil, com grande proveito dos fabricantes e comerciantes. — Lisboa, 1798. 28 páginas. — in. 8.º
- Foi reimpressa no "Auxiliador da Indústria", tomo 8.º, página 321.
- Memória sobre uma nova construção de alambique para se fazer toda a sorte de destilação com economia e proveito, traduzida do francês com anotações. — Lisboa, 1805. in. 8.º
- Carta sobre a arteira artificial estabelecida na vila de Santos, da capitania de S. Paulo, dirigida à corte. Publicada por J. M. da Conceição Veloso — Lisboa, 1800, 19 páginas. in. 4.º (n.º 11.958 do Cat. da Exp. organizado pelo Dr. Ramiz Galvão).
- Considerações sobre os efeitos do comércio do índio etc. — Lisboa, 1800. in. 4.º. Foram publicadas por J. M. da Conceição Veloso.

Leme, Pontes (Antônio Pires da Silva...)

Nasceu em Mariana, Minas Gerais, depois de 1750, e era filho de José da Silva Pontes e de uma senhora da família Poes Leme. Diplomou-se em Matemática pela Universidade de Coimbra, tendo sido colega naquele instituto, do

paulista Francisco José de Lacerda e Almeida. Formados foram os dois despachados astrônomos da terceira partida de demarcadores de limites do Brasil. Nesses trabalhos teve Pontes ocasião de percorrer grande parte do Brasil, chegando aos extremos do Alto Paraguai e do Guaporé. Em 1800 regressou a Portugal e no ano seguinte foi nomeado lente da Academia de Marinha, com o posto de Capitão de Fragata. Foi, depois, governador da capitania do Espírito Santo (1798-1804). Era cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avis e pertencia à Academia das Ciências de Lisboa. Faleceu no Rio de Janeiro, a 21 de abril de 1805.

Escreveu, segundo Sacramento Blake:

- Construção e análise das proporções geométricas e experiências praticadas para servir de fundação naval. Tradução do inglês. Lisboa, 1753, com 4 estampas. Foi a única obra que publicou em vida.
- Diário das explorações, que fez desde o Rio Branco e suas cabeceiras na província do Pará, até as cabeceiras do Sururê, Jurumã, Guaporé e Jaurá. S. Paulo, 1841. São com o Diário de Lacerda e Almeida.
- Diário da Diligência e reconhecimento das cabeceiras dos rios Sagaré, Guaporé, Tapajós e Jaurá, que se acham todos debaixo do mesmo paralelo na Serra dos Paredeiros, em dezembro de 1789.
- Breve diário ou memória do Rio Branco e de outras que não desaguam, consequente à diligência. Traça um mapa do Rio Branco e vem assinado também pelo engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra.
- Memória físico-geográfica, acompanhada de um plano das lagoas Galva, Uberana e Mandorim, que oferece ao Senhor doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista do serviço de sua vici-nidade, etc. datada de 29-5-1790, 14 páginas.
- Diário da viagem que fez o doutor Pontes ao tirar a configuração do Rio Guaporé, 1783. 31 da viagem que fez, ex. (o que e Melo) acompanhado dos pilão general L. de Albuquerque, comissários, oficiais engenheiros e doutores astrônomos, etc., ao cume da serra que fronteira a vila, viagem feita em 1783.
- Diário da viagem do reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados, feita em novembro de 1783. 23 fls.
- Diário da diligência e reconhecimento do rio Paraguai e rio Verde por ordem do Ilm. o ex. mo. senhor Luís de Albuquerque e Melo Pereira e Cáceres, 43 fls. — datado de 26 de março de 1789.
- Relatório de uma parte do rio Paraguai e das lagoas Uberana e Gaysa datado de 20 de agosto de 1787 e assinado também por Francisco José de Lacerda e Almeida e R. P. de Almeida Serra. Dêlo vem um extrato no exame de uma parte do rio Paraguai, etc. por A. Leverger em 1847.
- Notícias do largo Xerxes, 10 fls. — A. Rodrigues Ferreira possuía o manuscrito, que pertenceu a uma Joana T. de Carvalho.
- Considerações sobre o manifesto de Portugal aos soberanos e povos da Europa na parte relativa ao reino no Brasil, oferecidas aos deputados em cortes — mana, de 14 págs., sem data.
- Carta geográfica de projeção esférica ortogonal da nova Lusitânia ou América portuguesa e Estado do Brasil, 1798. — Esta carta, que compreende todo o Brasil e uma parte da América meridional e foi a primeira compreensiva de todo o novo estado, foi confeccionada de 1790 a 1798 de ordem do ministério da marinha e negócios ultramarinos, desenhada no gabinete do Real Jardim Botânico, e oferecida ao príncipe

do Brasil, dom João, 8.º graduada em seus verdadeiros pontos de longitude e latitude pelas observações astronômicas da costa e do interior, recopiladas nelas, tanto as próprias configurações do continente pelo mesmo astrônomo, como oitenta e seis cartas da secretaria da marinha. Há uma cópia no observatório de Coimbra.

Plano geográfico do rio Branco e dos rios Uraricaporá, Magari, Parimá, Tacará e Mahá, que não desaguam, onde foi notada a grande cordilheira de montes que medeia entre o Orenoco e o Amazonas, de que nasceram os mencionados rios. 1781-1782. — Foi levantado de ordem do governador de Mato Grosso e Cuyabá, colaborando o engenheiro R. F. de Almeida Serra. Está no arquivo militar e serviu muito como a precedente, para a confecção da carta geral do império.

Carta geográfica do rio Doce e seus afluentes. — Foi impressa no Rio de Janeiro em 1864, antes em 1862, Briz da Costa. Rubim ofereceu uma cópia dela ao Instituto Histórico.

Nova carta do reconhecido marítimo da enseada da Baía de Todos os Santos, e parte do ensejo do oceano brasileiro de fora do porto de Santo Antonio de Arica, etc. 1800. — Existe no arquivo militar. Há mais outras plantas e cartas feitas por ele, ou com outros.

Castro, Joaquim de Anarim

Nasceu na Bahia, cerca de 1750, e se doutorou em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi desembargador da Relação do Rio de Janeiro, Juiz da Coroa e Fazenda, adjunto ao Supremo Tribunal de Justiça na mesma cidade. Pertencera à Academia Real das Ciências de Lisboa, no quadro dos correspondentes. Faleceu no Rio de Janeiro, a 28 de fevereiro de 1817.

Escreveu:

- Memória sobre a cochoinha do Brasil. Foi publicada nas "Memórias Econômicas" da Academia das Ciências de Lisboa, tomo 2.º, pag. 135. 1799; e em suplemento à "Memória sobre a fundação e custeio de uma fazenda na província do Rio de Janeiro", pelo Barão do Paty do Alferes (2.ª edição, Rio de Janeiro 1843). (n.º 11.673 do Cat. da Exp.).
- Memória sobre o matriosco do distrito da vila da Cachoeira, publicada nas "Memórias Econômicas", tomo 3.º, pag. 391 — ano 1791 (n.º 11.768 do Cat. da Exp.).
- História Natural do Brasil, segundo o sistema de Linné, com descrições de alguns animais e observações sobre a cochoinha, o tabaco e a selva, apresentando uma nova prensa ou laminação cilíndrica para o preparo do tabaco em folha, com estampas exatas e fiéis. — Encontram-se nas "Memórias Econômicas", tomo 3.º, 1789.
- Na exposição de História do Brasil apresentaram duas cópias sem as estampas (n.º 11.256 do Cat. da Exp.).
- Relação das madeiras descritas que se compreendem no termo da vila da Cachoeira, com amostras e estampas exatas das mesmas. Ms. de 84 páginas, in. fol. pertencente ao Instituto Histórico e exibido na exposição de História do Brasil e na exposição médica de 1804 (n.º 11.765 do Cat. da Exp.).
- Representação contendo observações sobre a agricultura e manufatura do tabaco. Ms. de 24 fol., existente na biblioteca do Instituto Histórico.
- Tabaco — Memória sobre a manufatura do Tabaco na Bahia (12 de abril de 1788). — Publicações do Arquivo Nacional, vol. IV.

Pontes:
— Artur Mota — História da Literatura 2.º.
— S. Blake — Dicionário, 4.º.

Câmara, Arruda (Manuel de...)

Nasceu na vila do Pombal (hoje pertencente à Paraíba) e aquele tempo a Pernambuco) em 1752 e era filho de Francisco de Arruda Câmara e de D. Maria Saraiva da Silva.

Professou em 1783, na Ordem dos Carmelitas, com o nome de Frei Manuel do Coração de Jesus. Obteve licença de sua Ordem para ir a Portugal estudar Medicina, e estava fazendo o curso quando lhe sobrevieram grandes perseguições por se mostrar simpático às ideias da Revolução Francesa. Deixou Portugal e foi prosseguir os estudos em Montpellier, concluindo ali o seu curso, obtendo também da Cúria Romana o título de doutor e o seu breve de secularização, regressou ao Brasil.

Em certa altura da biografia deste autor, informa Sacramento Blake que, em sua passagem por Portugal, vindo de Montpellier, foi ele nomeado para acompanhar José Bonifácio em sua viagem pela Europa, "ao que recusou-se". Artur Mota aceita a informação de Blake e indica a data do início da excursão de José Bonifácio, da qual se teria recusado de fazer parte a nosso parecer; era o ano de 1790. Entretanto, encontra-se um parecer de Rodolfo Garcia acerca do livro de Francisco Pereira Lessa "História das Academias Literárias fundadas no Brasil antes da Independência" a seguinte observação: "Por último, ao finalizar o promissório, comete o autor o engano de dar o botânico Arruda Câmara como companheiro de José Bonifácio na excursão científica na Europa, confundindo-o com o mineralogista Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e S. o famoso Intendente Câmara". (Rev. Academia Brasileira de Letras, volume 57).

Vindo para o Brasil, Fiqui-se em Portugal e se entregou ao exercício da Medicina. Exercer, então, várias comissões oficiais não só em Pernambuco, mas também na Bahia. Como consequência, talvez de seus estudos e de suas pesquisas contra uma grave enfermidade da qual veio a falecer.

Era membro da Academia das Ciências de Lisboa, da de Montpellier da Sociedade de Agricultura de Paris.

Faleceu em Pernambuco, em 1810. Era patrono da Academia Alagoana de Letras.

Escreveu:

- Aviso aos lavradores sobre a inutilidade da suposta fermentação de qualquer qualidade de grão ou pedras, para argumento da colheita, etc. Lisboa, off. Antônio Rodrigues Galhardo, 1782. 8.º de 22 pag., com o nome de Manuel Arruda.
- Memória sobre a cultura dos algodoeiros e sobre o método de o escolher, enacar, etc. em que se propõem alguns planos novos para o seu melhoramento etc. Lisboa, off. da Casa Litt. do Arco do Cego 1799 V-80 págs. in. 4.º, 1 map e 6 estampas. Foi publicada por J. M. da Conceição Veloso. (n.º 232 da "Bib. Brasileira") (n.º 13.026 e 13.027 do "Cat. da Exposição").
- Memórias sobre o algodão de Pernambuco — Lisboa 1810 in. 4.º.
- Memória sobre as plantas de que se pode fazer a baunilha no Brasil. Ms. Mem. da Academia R. da Ciências de Lisboa v. 4.º, pag. 33 — 1814.
- Discurso sobre a utilidade da instituição dos jardins nas principais províncias do Brasil — Rio de Janeiro Imp. Reg. 1810, 52 págs. 4.º gr. (n.º 11.775 do "Cat. da Exposição"). Foi publicado no "Auxiliador, da Indústria Nacional", 1840.

— Dissertação sobre as plantas do Brasil que podem dar frutos próprios para muitos usos da sociedade e suprir o uso que chamamos — Rio de Janeiro, Typ. Regia., 1810. 49 pag. in. 4.º. Reproduzido na dita obra (1841) (n.º 11.774 do "Cat. da Exposição").

— Flora pernambucana, com estampas. Os desenhos científicos foram feitos pelo padre João Ribeiro de Melo Montenegro. A. de Almeida Pinto, e o "Dic. de botânica" com o qual se consultou essa obra. Foi perdida com a morte do autor. — Tratado de agricultura (inédito).

— Tradução da obra de Linnaeus (inédita).

— Insectologia ou coleção de desenhos de insetos, (inédita).

Na Bib. Nat. há um album de estampas, com 119 folhas representando plantas, pintas e aquarela, algumas desenhadas na lapa e outras a nanquin. Algumas da Câmara e outras (sem texto). Há também um Natural (Insetos, peixes, etc.) com representando aquarela, desenhos originais, aquarela e nanquin por Arruda Câmara (sem data). (n.º 11.773 e 18.981 do "Catálogo da Exposição").

Tá trabalhos seus no Arquivo Médico Brasileiro" (n.º 11.773 do "Cat. da Exposição de 1850 de Brasil").

Ordonhes, Diogo de Tal...

Nasceu em S. Paulo, a 1.º de dezembro de 1732, e era filho do mestre de campo Agostinho de Arouche de Barros e de D. Maria Teresa de Almeida. Era irmão de José Arouche de Barros. Formou-se em 1754 na Universidade de Coimbra e foi magistrado. Exercer o cargo de desembargador do Paço, Conde de Fazenda e fiscal das Mercês. Foi alcaide-mor da vila de Paranaíba. Pertencera à Academia Real das Ciências de Lisboa. Foi eleito para a Constituinte do Império, mas não chegou a tomar assento. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1826.

Escreveu:

Joseph de Anchieta, naturalista, quem plurimum rerum naturalium, quas S. Vicentii (hoje S. Paulo) provinciam incolunt, sistens descriptionem, a D. Diogo de Toledo Ludra Ordonhes, Officiis anatomicis edita. Oportet 1793, 52 págs. in. 4.º. Foi publicada nas "Notícias para a história e geografia da nação pernambucana", tomo 1.º, n.º 3, pag. 127 a 178. Teixeira de Melo, tomo 4.º e publicou-a nos "Anais da Biblioteca Nacional", tomo 1.º, pag. 273 a 305, sem as anotações de 1850. Seus trabalhos sobre a medicina foram publicados no tomo da "Revista do Museu Paulista".

Fontes:

- Afonso Taunay — Pedro Leão e seu tempo.
- Afonso Taunay — Segredo de tendório de Pedro Taques.
- Afonso Taunay — Biografia de Fr. Gaspar da Madre do Brasil.
- Afonso Taunay — Pref. da "Cultura e opulência do Brasil de Antão".
- Afonso Taunay — Um jornalista ignorado — tomo 2.º da Revista do Museu Paulista.
- Afonso Taunay — Escritos coloniais, pag. 259.
- Notícias históricas.
- Azevedo Marques — Artur Mota — História da Literatura, 2.º.
- Heurapalre (Roban) (V. de) — Anais de Mato Grosso, no liv. 2.º da Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo.
- Coleção de Notícias para História e Geografia das Nações Transmarinhas.
- Comentários à Epistola quam plurimum rerum.
- Crônicas de Cuiabá, no liv. 1.º da Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo.

(Continuação na página 111)

GEORGICAS BRASILEIRAS

Prudencio do Amaral e José Rodrigues de Melo

CANTO PRIMEIRO

Da Lavoura do Açúcar

Do Brasil, eu vou cantar-vos
E a que vertez, ó Arundineos Omos.
Do Mel Hyblêo, suave Açúcar.
Tranço-me agrada os conhecidos Campos,
Favores regular da Pátria
Lêi; ou semeando estendam
Cana, ou em diversa quadra
Se esmaguem as cortadas Canas;
Enidos os purguem, e na chama
Os lhe condensem; ou já densos
Se expurquem, te que riço Açúcar
Se branqueira depurados vistam.
Tudo em que torrao prospero a Cana,
Que cultivado a negue, antes explora,
O campo inexperto a Seara fies.

Se prendê-lo custa; a própria Terra
Faz a mesita cor se te declara
O visado Indagador as costas:
A passo denegrida mostra,
Cana brotara do solo;
Se a melha a da segunda escolha;
Desta que mista areia esteriliza;
Fugiras fugiras. Porém, lá onde
Vem a um tanto sob a negra tova,
Um pedregoso salbro o torrao vives,
Parece um mais feliz te surge a Cana,
E a zona desdobrando, ufana cresce
Teu, porém, se, pelo do terreno
Desavendo vico, antes do tempo,
O adorado lucro as lides tira.

Quem de mais rompeu a Seara;
Que não se te alegrará, findo o trabalho,
Lembra-se certamente ali a terra
De fôrça ali desata, e mais a larga,
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone

Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone

Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone

Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone
Se a primeira o humar desmanda;
Dea, e que se amansa, e lhe exmone

Onde as sementes espalhar te agrade,
Em longas covas se te rasgue o campo.
Não exceda d'ora pés do rego a altura,
A boca palmos dois; juvenis canas
Ali seputarás por certa marca;
Tanto achegando-as entre si, que todas
Quasi se rocem nas extremas hastes.

Depois que assim nos preparados sulcos
Jazer imersa a planta, cabe agora
As lacunas encher, e as cavidades
A terra sua chamarás de novo;
Não tanta que, das chuvas repassadas,
Em vez de os alentar nociva aos germes
Com peso e humor de mais tudo corrompa.
No estio, fartarás de terra aos sulcos;
Que escuridões assim, neles se embotam
De Apolo as setas; nem nas cheias covas
Penetrantes calores se insinuam.
Nem ardor desmedido os agros torra,
Quanta, contudo, O terra lhe rouba.
Nos sulcos teus insano não reponhas
Se os carregas de mais, tardos e o custo
O terreno obstáculo romperá os germes.

Regrando, pois, a terra porque ao peso
Não se alogue talvez, da que de leve
Jaz nos regos enterrada a Cana.
Depois que as suas visceras aos sulcos
Vastos restitutas cessa, um pouco
Em breves dias germinando a Cana,
Os seus desvolvo, os nós desata,
Cria raízes e o tenrinho tope
Mostrando as aurais, coas erectas hastes
Ei-lo erigido em toda parte o campo,
De Cadmo Verdejar os novinhos.
Cieras de novo; quando apavoraram
Messes de lanças o Colono, aborrido
De ver nos sulcos bélicas sementes,
Fecundo de guerra tropa ou Campos.

Tais, cerradas falanges imitando,
Verás de fértil chão em luas doze
Os seus canaviais surgir, distintos
Nas ordens suas. Ou levado em orbe
As extremas filices te arredondam
Sinuoso rego; ou igualando os lados
Em quadro a modifique, ou te agrade
Melhor a eira na feição de cunha,
Ou da Lua, se o melo rosto brilha.
E em arco circunflexo os raios curva;
Ou em feição quincenal as plantas
Te apraza descrever; em todo o campo
Triangular ficou; que lindu quadro,
Que ameno encanto não deleita os olhos!

Quando, pois, das urbanas etiquetas,
E das gárrulas turbas enfeitado
Solicito temor morden-te o peito,
O Campo busca; e de elevado monte
As vistas torce aos circunstantes vales.
E com os olhos as campinas mede.
Que deleite não é ver os plantios
Arrudinosos luzir, e aos duros apóros
Dos ventos, que a Seara undante encrespam
Como se enriçam, turbilhões sinuosos
Por todo o campo! Ou quando, aura mais
branda

Sopra, e aspirando com sussurro manso
Brinca nos ares, como se arripa
Nutante o campo coas ceciosas canas!

E quando a sede as visceras te escale,
Que coether te obsta da vizinha leira
Cortada cana, e sacudidas antes
(Por ásperas) as folhas, a medula
Ou a ferro, ou a dentes desnuando,
No Ambrósio néctar apagar a sede?
Outros cerea-la, como a gomo, folgam,
Por onde nos artigos distingue
Rolico no a cana; então nos dentes,
Como entalhados nos volúveis prelos.
Os roletes esmagam; e mordidas,
E a crebros sorvos esgotadas, secam
As suaves canas. Mas, com tais delicias
Terás somente de enganar o tempo
E as tristes mágoas ameiçar do peito.
Quando, correndo Febo as doce estâncias
Gigantes luzam-te as nascidas messes.

Mas da lida interrupta a voz já esculro;
E a erva, enquanto moles vão rompendo,
Noiva abafa largamente as Canas.
E tempo já as mal-fecundas agros,
Cuidadoso mondar: nem somente uma
As searas lampiãs: três e mais vezes
Insiste cumprir em tão fêda desvelo,
Até que cresça, e com as próprias fôrças,
Nada indigente do cuidado nosso.
Do nascente inimigo a turma, ao dano
Resistir possa por si mesma a Cana
Contudo, nem assim cessal, Colonos!

Nem já linda julgues a lida toda,
Outras mil pester há, há mil perigos
Que cumpre acutelar; e antes de tudo,
Os Celestes furrores quando o Estio
Ferveu mais bravo; ou desmedida chuva
Punesto é muito mais o que trouzera

A terra embebedou: porém contudo,
O ardor imoderado: arte nenhuma.
Nenhuma indústria modica-lo pode:
Que em pronto não terás aos teus plantios
Por formados canais conduzir fontes,
Ou derivadas linfas, que breve hortio,
Ou eira limitada a custo fartem.
E a quem bastando só ténue rocio,
Com urna triental se mate a sede.

Onde, porém, as Brasília Campinas
A retórida Zona em fendas greia,
E ardor mais violento as searas torra,
Nem que rompendo do septeno pégo,
Os secos campos me inundasse o Nilo;
Debil surgira a messe, e morta quasi,
Ao céu mostrara lânguida a cabeça;
Difícil é a cura em mal tamanho!
Um meio há só de salvagão; com prantos,
Devotos prantos apagar dos Deuses,
E do Nume ofendido as justas iras.

Não rega os campos teus chuva mais certa,
Que quando pelas faces lacrimosas,
Te cai frequente gota, e em rogo assiduo
Geminando, rompes as etéreas nuvens;
Que Deus do mármore duro arrancar pode
Frescos mananciais, nimbosas nuvens
A seu querer juntar; e do alto pólo
Mas grato aos astros; entornar chuvinhos.
Se a Novilha também se o Armento, às vé-
zes,
Rótas as cercas a lavoura investem;
Quanto de estrago num momento fazem;
Quanto o suado e lasso Caminhheiro,
Enquanto pouca, e da roubada cana
Bebendo o néctar, amida os sorvos,
E vai maligno repetindo o roubo!

Entanto onde primeiro em turba espessa
Estava o doce bosque, aberto espaço
Cum dano t'o desune; e renascendo
Nas médias falhas solitária cana,
Nua dos lados, não já defendida
Do fido corpo das irmãs, nem vence
O ardor violento das estivas calmas,
Nem dos bravos tufões se guarda, quando
Mais duro agiota furioso o Euro.
Demais: incautos há, que vêes muitas,
Crebros sorvendo pela inchada boca
E vomitando fumos, vil consolo
Do enfadonho caminho, em todo o campo
Tristes incêndios, por teu mal suscitam.

Vasozinho de barro, e em lenta chama
Azurada recoito, ou em noz, ou duro lenho,
Talvez cavado, quando cresce, alarga,
E revivado vem aos sumos lábios;
Porém, que a pouco e pouco ao imo fundo
Estreitando-se vai, Alberto é a um lado
Com ténue furo em que postigo tubo
Se embete: por ali então ao fogo
Respiroiro se abre, e longa estrada
Ao fumo, que continuo os lábios entra
Porque amornado nesse espaço e mora
Em branda nuvem te vapore as fauces.
Aquela preciosa e doce alfafa
E do viandante companhia, e ao lado,
Qual espada fiel, lhe anda cosida.

Quando, pois, sob vizinha árvore e opaca
Fatigado se encosta e instaura as fôrças,
Mete mão ao cachimbo; fere fogo:
Faisca ao crebro golpe a dura pedra:
Nas secas folhas da recheada concha
Subito pascia a flama, e num momento
Vai longos fumos arrojando a cana.
De costas estirado Ale nos dentes.
A tem segura; e qual tenrinho infante,
Que dos peitos maternos vés pendente;
Tal suga hianse as névoas, e octoso
Pela bibula boca as reitrocas:
E ora, a revesa, apertando os beigos,
Ora apertados relaxando sorve e a
Sorvida nuvem restitue do peito;
E das extensas, das abertas fauces
Fumidos globos amuludado exala.

D'ali, já quando não fumeia o tubo,
E vê que inútil servo a boca flude,
Em terra as cinzas, e as já mornas brasas
Sacode, a um tempo, e vai-se. Entanto
As vezes,
A deixada faisca se reforça;
E incendiando a revivente flama
Os conegehados colmos estragos ruínas
Vai por todos os campos derramando.
E morta a esperança vés de um ano inteiro.
Cumpre, pois, se és prudente, os teus plan-
tios.

Marear ao longe; longe do caminho,
Planta os canaviais, onde não torça
Vereda alguma; onde nenhuma viajeiro
Diles pressas exerca, ou temerário
Seguindo, excite súbitos incêndios.
Talvez perantes de plantar a Cana
A oportuna estação; qual a demora;
E em quantos meses maduro ao corte;
Uso e exprimenta, te serão os mestres;

Porque nem no Brasil, tão amplo e vasto,
Segue ua marcha só em toda a parte
Inverno, ou Primavera; antes se observa
Proscrever tempo certo aos lavradores
Que, desigual o céu, se aqui e estio,
Ali frio brumal tudo entorpece.

Será variando o chão, frustrado empenho,
Mas tu, que os cumes dos Balenios montes
Rasgas talvez, observa quando os velos
Do Carneiro Frixos Apolo feio
Que então começará propicia a quadra
De apagar a Cana. Aperia a obra,
Te que aos gémeos Irmãos Lacónes chegue
O próprio Febo. Se em humilde vale
Trabalhas, os indicios dar-te-a quando
No concorde Balança as horas libra;
Cessará, quando junto for do Capro.

Dar-lhe-as do crescimento ádua demora.
Mas tu, que este prazo encheu a Cana,
Do seu vigor e robustez se ufana,
Tu poupa-lhe, porém, e coíbe as foices,
Bem avelares da colheita os tempos,
Bem que rezeis as Calendas proximas,
E te esporale ao remarcado dia
Enumerando soma; e bem que a Juizo
Trazido sejas, ao Credor maligno,
Ou justa delação prudente eugenia.

E a compárência procrastinaria, ou probos
Dinheirosos Varões te substituem.
E te afilencem; ou, segundo possas,
Vazze nas gavetas; faz com que ajantes
Aqui, d'ali esquadrinhadas somas,
Que com o juro seu depois compenses;
Porque com imaturo ferro a Seara
Ratragar-te não forcem, e imprudente,
Da nova sagra as esperanças cortes.

Com a idade se adoece e avulta, quando,
Tendo a Cana o primeiro já medido,
De tudo maduro no ano segundo.
Eu vi em mesmo, sem reserva alguma
As Canas arrojar-se injusto ferro,
E como, de um só golpe, ao chão caíndo
A seiva inteira; lateiros arrasar-se
Os agros, e eu enquanto, impube apenas,
Remoçava a Seara, ou quando idosa
Ao péso encruva de velhice longa;
Igual furor contra ella se acendia
E a nenhuma poupou avara dextra.

Tal sem escolha e temerária a Parca
O letífero gume a todos vibra;
E com cego rodar moços e velhos
Em ua mesma ruína embarcando.
A quanto encontra, rábida destrue,
Imprudente! que restos preservaste
Para a messe vindoura? porque as vistas
D'aqui não lanças no futuro ano?
E quando os prédios, que c'os teus vizinhos,
Visitando, ali vires espremer-se
Ao fogo borbular o doce caldo,
E em suas fôrmas ir qualhando o assucar;
Ai! quanto sentrás então debaide
Quão preservado ter quizeses antes,
Curtos te siem os rorantes prelos.
De haver todos talado os teus plantios!

Proficuas sobras, donde em cada um ano
E nos máddios lenhos comprimida,
Spunco pranto velando, escale a Cana!
Substituindo vai umas das outras
Prévisto as messes; e em ação alterna
Esta pompeia, quando caia aquela;
E co'a restante, reservada Seara
Renovando e nutrido o esp'rança tua,
Ah! fita os olhos no futuro incerto.
As geiras, pois, que não Verão presente
Ao norte condenares, dá que ao menos,
Messes dezoito completado tenham.

Curvas foices então cumpre se afiem;
Manda-lhe armadas mãos coortes manda
De Segadores, Mai, que as suas próprias
O sinal cantam a peleja usada.
Lados avancam, o inimigo hastado
Ferem de perto, e co'as falcadas armas
Perseguem: quais o proslam, quais aos om-
bros
O levam; e os que após os vão colhendo,
Os ceifados despojos buscam avidos;
E em montes mil de confundido estrago
Os corpos por aqui, e ali jacentes
Em túmulos repõe: unir as foices.

Vibrar os braços, peijear unidos,
Dar céreos golpes se apressaram todos.
D'aqui, qual de ferida, sai seu sangue,
E em doce orvalho se humedece a foice.
Não impune contudo e sem vingança
Baquia a Cana; mas na dura folha,
Que em longa ponta se remata, os implôz,
Nem fieli de locar-se, o aspra de trato,
Que o mecoem recobe: em toda a parte
Ali se levanta em numerosas gumes;
Com sanguenhos vergheis não poucas vézes
Os instantes Contrários reduzera:

GEORGICAS BRASILEIRAS

(Continuação da página anterior)

E espalhando também estragos, ruínas.
Ruínas, estragos seus destarte vinga.
Mas nem por isso menos arrogante.
Se atrai o Segador as vastas gelos.
Até que vencedor lhe avança o extremo.
Nem as cortadas, e jácentes Canas
E trabalho menor colher no campo.
E em felizes ajusta-las: mas não longe
Os vinhos acharás: que lentas, brancas
Das comas formam torcidos laços.
Estas as cordas usuais: com elas
Canas doze ligando em cada feixe.
Em carro gemedor as amontam.
Se, interposto, porém rio oportuno.
Distam os prelos: em cavado troncos.
Ou em buíada cimba acumuladas.
A eles se comecem: e lá mata
A recolida messe a lida extrema.
Alta de tecido em todo o espaço amplíssima.
As que lhe vem de toda a parte Canas
Em hospício reconhece idônea Casa.

Aqui o lugar não perdoas aqui surge
Aquarta mole. Desmedida roda
Princípiomente esta, onde se embora
Nem peso aquece, embastecida
De línguas raios, e afilada em eixo.
Crede de ambos lados pouca em bronzeo centro.
Crede do meio, e em prolongada trave.
Se entra o eixo, a cujo extremo fixa
Outra roda minúscula se coze.
De gira mais veloz, dentada toda.
Esta, quando se volta inteiro o eixo
Com perquiceo vertical voltado.
O moto segue da primeira: e sempre
Que em cima em ordem certa os dentes
Vela.

Cos dentes travam de vizinha roda.
De vasto aro orbita terceira
Sobreposta apressa: que por isso
Volve no ar librada, arredando as aves.
Volteia e gira em rápidos passmos.
Não sem justa razão Violente a dizem.
Quantas vezes do mouro arrebatada
E da roda menor em torno vira.
E consiga voltando o eixo enorme
Sotopostos cilindros vai torcendo.
Adornos três, que vista aérea chapa.
Arredondados e aliçados anéis
Por mostra mão de Artífice sabido.
E que do meio em concertada ordem
Em torno brotem estufados dentes.
Em arca (que compunham postea quairo,
Com arte colocados, e seguros.

Por sobrepostas engradadas vigas
Aprumo estejam, de supernas traves
Inseridos, e em ferrea ponta firmes.
Tais os lagares sacarina sejam.
A roda superior estão supostos.
Aqueles troncos três, e movimento
Dela recebem: que abalada apenas.
Enquanto os giros forma, volve no eixo
O cilindro do meio, que mordendo
Também os outros, os atua em orbe.
Com as costas, porém, tão conchegadas
Na triçpore mole se revolvem.
Que os mal divide pequenina fresta.
Nem consentem ali impunes dedos.
E se alguém imprudente, enquanto as Ca-
nas

Nos cilindros entala, escoe, às vezes,
A preguiceosa mão e tão ríaco
Não evitou sabido, aí de repente
Vê subito apanhar-lhe a fresta o dedo.
Depois logo do dedo à mão inteira;
Inteiros vão-se os braços; e de todo;
Em migalhas os ossos passaria
O próprio corpo, se as violentas águas
Amiga dextra não prendesse, e obstasse
Com seu entorvo as penduradas fontes.
Mas tarde a salvação vem deste alvitre:
E enquanto, fechadas as torrentes,
Nada mais d'água corre: por si mesma,
E sem estranho impulso, a voadora
Rotativa máquina e carreira e o giro
Começado perfaz, até que a força,
E a primeira moção languesca, e morra.

Nada melhor, do que se dextra esperta.
Despindo o alifange, rápida cerefa
O preso braço: porque os outros membros
Não trague todos a ruína nãnte.
Reposou imigo então vem manso e manso
Atrair os apertados elos;
Em vão, que esses que ali tal obra exercem,
Com rísticas variadas cantilenas
O sono espantam, e o trabalho enganam.
Longas fabelas na linguagem pátria
Diversitos desfilam: e repartem
As importas penas: cubera a este
Chegar ao prelo das Canas: espremidas
De novo aquele dá, que ali repassem;
E se ainda de licor e suco há restos.
Vai desta arte extrair: outros os despojos
E os esvaziados languidos pedaços.
Depois de vezes duas suportarem
A profusa pressão, afunila, e leva,
E em confuso montão os acumula.
Ótimo pasto a sotopostas chamas:

D'onde depois o Agrícola procure
Fecundas cinzas, com que adube os campos.
Tanto é prestável, e utiliza tudo,
E a usas vários aproveita, quando
Não dorme a perspicácia, e a indústria e a
lida.
Enquanto corre o Sol com pleno giro
O polo inteiro, carros vinte e cinco
Cheios esgota a máquina ligeira.
Se os atira, porém, o boi tardio
Mais vazamentos se andaria os prelos:
Mas, inútil à obra presta casa demora.
Entre o tardio girar sofrendo a Cana
Mais longa compressão, melhor se esgota.
Que no rodar veloz, tocada apenas.

Corre, além disso demasiada suco.
Quanto vasos nenhuns receber possam.
Nem bastem a coê-lo; e as mãos exceda
Exceda imenso os operários todos.
Súco, que, se não purga e o fogo a tempo,
Em impuro acedime degenera.
Ei-lo sarapá: e espediando esforços
Arte nenhuma corrigir-lo pode.
Tais se combinem pela lida e proveito.
Que quanto espremam de licor os prelos
Em cada alternância, tanto oportuna
A chama, as tachas apurar se possam.
Por isso a longo cobre d'ampia marquem.
Aos prelos sotopostos, se encaminhe
O sacarina humor. Flamas nãohamas
Nenhuns incendios nesse vaso o agitam:
Antes lígno canal d'ali se esgote.
Por onde a estilhaça intempestiva se apressa.
Sobre fagulhas se dá um longo
Ferte ampla casa e com olhos fogos
Escalda impastos caldeirões aneos.

Ao fogo, em cada abobada encerrado.
Janelas duas dáas dois espiráculos
Rota parede a um lado patenteia
Entradas seis, por onde cuidadosas,
A força, e auxílio de robustas hastas,
Lançam os servos corpinhos toros.
Fundamentos à pir: então cumulam,
Dos seus troncos cortadas as ramagens:
Secas palhas lhe ajuntam, porque o fogo
Arda mais alto, e perturbando a chama
O enervado licor, o encrespe, o empole,
E mais o irrita em borbulhantes ondas:
Esta prima fervura as crassas fezes
Chamando aos sumos lábios, lança, en-
terna;

E as que no fundo inúmeras assentam.
Por si se espumam na caldeira undante.
Também entanto destinada dextra
Vai o sordido caldo transfundindo;
E com aceso crivo em toda a parte
Colhe as nadantes fezes, e aturada
Agitando e voltando a espuma tacha.
Lhe dá que arroje a impuridade toda.
Que do infecto licor buscara o fundo.

Ajuntam-lhe também acre líquia
Por cuja força, se ainda alguma restam
Fezes, se apartam, e o licor se apura.
Meia hora gasta esta primeira lida;
Mas depois que alvejo mais límpida espuma,
E as bolhas decresceram, diligente
A caldeira vizinha as doces ondas
Assucar inda não qualibada, muda
Al então com mais cautela e escrúpulo
Se expurguem as relíquias, e com lenta
Coção se apurem as sordides todas.
De novo o crivo embebe; e a fôla espuma
Colhe de novo; espuma, que desfeita
Em límpida moderada, ao alitubido
Com suave bebida as fauces banha.

Enquanto o doce mar na tacha ferve.
Os coadroleis lhe apressa: em outro vaso
Impõe crivados linhos: por onde
Abre a textura rarscentes meatos.
Transmilt-lo-ás: a parte mais delgada
Passará: não assim a que mais crassa,
Que o coadrole flicará constante.
Desta arte coado, condensá-lo cuidam.
E chamas novas ao licor acendem.
Novos cubres aprestam, não tão amplos;
Mas que grandes bacias arredemam:
Dada um tem seu mistér: cabe ao primeiro
Purificar os recebidos sucos;
Cozê-lo ao segundo; e do terceiro
Brandamente adensá-lo; adensados
Urge-o o último: e subindo o ponto,
Iguals os torna ao pegajoso visco.
Empenhe-se a arte agora: eia, cuidado.
O vós, que a obras tais regis a marcha.

As forens todas todos os desvelos
Neste objeto apural; em nenhum outro
Mais dana a culpa, e tanto empece a
incéria.
Vêzes não poucas inexperto na arte
O tiriculo Mestre flude, perde
Exaustas lidas improbos trabalhos.
Aquela obra requer peritas dexteras,
Firmes com todo o corpo agitam, versam
Com uma e outra não amplas colheres
Pelo uso sagaz longe-amestradas.
Em cabo extendido fixas: continuadas
Alto subindo, e recaindo, exercem
Aos ares levam, largam-nos dos ares,
Nas tachas os assucars mergulham,
Reviram-nos de novo, batem, turbam.

Confundem, volvem, e revolvem tudo.
Mas isto ainda não basta: frio cobre
Os ferventes assucars recebe:
Porque amornando pouco o pouco, deixem
O calor demediado; e separados.
Longe das chamas, a qualquer comecem.
Por nova agitação longa versados.

Admira esta moção quanto aproveita
A encorporar a sacarina massa:
Condensa-se; e ao frequente movimento
Mais pegajosa flea: e tenaz grude.
E em enlaidas crostas se reparte.

Assim que espesso em crostas, quasi rijo,
Em densas partes o livro observam.
Em formas lançam de cozido barro:
Que c'oa ponta no chão firmada, aos ares
Voltada mostram a espaçosa base:
E outras tantas pirâmides inversas.
Em longa ordem imitar parecem.
Sublimados depois repõe-se os vasos
Em longas taboas, onde aberto assento
O fundo lhe acomoda. Aquel depostos,
De húmida greda a sua boca lhe enchem,
E ungem de barro: esta útil descoberta
Os assucars purga um tanto tucos.
E a nimia candidez diluidos chama.

E se a pública voz creença merece,
La noutras eras foi nelhada esta arte
Com apolo feliz; autora contam.
Da profícua invenção certa galinha
Que enqueriu por acaso aos pés lamposos
Sobre os assucars distinguia leva.
E com maldito bica os esgravatou.
A uso mostra de os ungir com barro.
A parte, em que os vestígios pôs lodosos,
Largo branqueia, e em cor discorde as en-
tra.

Emula fica da pruinosa neve
Isto talvez alguém especulando
Em uso convertem: e dease prazo
Lazim no assucar candidez belezas.
Porque menos não brilha a alvura, e o
peso

Nos sacarina píes não diminua.
E mintam ao Colono as esperanças:
Da greda se não faça uso imprudente.
Quando mal os assucars coalham:
Nas formas suas: dia dois ao menos
Inteiros se retarde, enquanto o frio
Congelados de todos os endureça.

Depois, onde da forma a íntima parte
Se estende abaixo do fucado leito.
E há ténue fenda, as visceras escuras
Com cravo palmar se vá do assucar:
Porque quanto de humor nelas oculto
Mal crasso resta, por ali deslize.
E a usos vários noutra parte o guardem.
Que te flumine humor largo humedeca.
Então o assucar ungrás; e longos
(Se os não tiveres então estendido)
Canais na terra estenderás, que todo
O mel recebam, que escorrer: e o mandem:
Em tanques repousar alti-cavados.
Assim que pela linfa conduzido
Lento penetra as visceras o barro.
E manso e manso todos os meatos
Afrouxa co'a fricção, a fio corre
Meio suor por toda a parte em rios,
E lotos nimbos vai chovendo o assucar.

Porém não deixes que a lacuna toda
No inteiro espaço seu se arrase dóis.
Vêzes não poucas o liver travesso
Guardar não pode plácido remanso;
E subindo espumoso do imo fundo,
Os fins marcados transceder se atreve.

Este mal tem contido o seu remédio:
Otil será, para domar-lhe a fúria
Com expresso linho a gota, a gota
Borrifando o licor, quando entumescer.
Té que lhe aos poucos esmoreça a ira:
E depondo o nocivo movimento,
Fechando aprenda a socegar de novo.

Quando, enfim, do suspenso méteo fluxo
Cessarem os assucars, e os supostos
Canais humedecer gota nenhuma
Deves então as argilosas crostas,
Que impastos restam, arrancar, e exato
Os píes sacaros a limpar por cima.
Isto é pouco: os assucars mal-brancos
Com apto ferro cavarás um palmo;
E em torno aos lábios repórás do vaso.
Como em trincheiras, a cavada massa.
Assim fácil entrada ao ar tranqueam.

Os húmidos assucars, e exalam
Mals prontos inda as embebidas ondas.
Então, depois que Lucifer nascendo
Vêzes três dissipar da noite as sombras,
Em seus lugares comporás a tido.
E compressos de novo, unge-nas com loda:
E quantas vezes Vespéro serólia
O Olimpo te sumir, tantas lhe presta
Mão benfiteira, e ténue linfa os regue.

Tanto porém que o pão sacáro vires
No vaso assim diminuir, que um palmo
Descido tenha, novas ondas poupa.
De greda os restos para longe atira.
E dá que isento das diluidas fezes,
Cessando a linfa, petrifique o assucar.

Enquanto se aprouver, nas éneas tachas
E já colhido mel recozer manda:
O qual em concussão creba agitada,
Pregueiros correr, em térrcos vasos
O repórás então, e em novas medas
Ve-lo-ás coagular: com igual barro
E modo igual estes assucars se lavam.
Que tanto no candor, quanto no peso
Submetem-se aos primeiros, e resaca
Languido mel, humor degenerado.
D'onde assucar nenhum mais te avida.

Podes também (se o outro uso descejas)
O mel em térrcos vasos esconder:
Com água misturá-lo, e diluido.
Quando a seu tempo, bastardeando
Lígneo balde o recebe e encinava-se
Em cinzava metal, Vulcanio lento
Adelgandando-o vá, té que em vapor
Tenues subindo à aboboda do vaso
Por longo bico desviado corra.
E reciba estindo austero gosto.

Quanto aos Escravos este copo conta:
Vintens d'aqui d'all responde a dita.
A África plebe: e os que o trabalho e a
indústria,
Ou lhe a fortuna dea cibatos vira.
Tudo desperdia por escasso cubre
Com que as fauces a largos copos bibe.
Bem que inúmeras vezes embriagado
Do beber descegrado, ali durmido
Sob ferro julgador (misera!) senta.

Ou receber o mel te apraza, ou os
Copos aos servos preparar, ou fucos
Com uma e outra coisa: outro cubre
Cumprir ajuntar-lhe, visitar assucar
Os estojantes píes; e com que tanto
As torpas fezas observar escorrem.
Depois que o flavo humor purgado todo
E tempo lá desenfuma o assucar
Mas se não chova, ou sob escuro
Proximos nimbos anuncie Febre.

Livres das formas, prontas mãos e laxa-
dem.

Com apto ferro cortam-no em pedacões,
E as livres auras de fagueiro dia
A dessecar o espalham, o volocam:
Té que quanto de humor lhe resta aliada,
Penetrável extinga o ar, e a calura
De manhã, pois, em rodado tablado
Os desnudados píes manda se postem:
E quantos aos teus olhos se levantam
Tantas outras pirâmides, cortadas
De vário mármore, julgaria que avultam.
Candor igual não concedora a todos:
Este branqueia tem rival dos Cléas:
Alveja aquele menos: a maior parte
No aspecto várias, e no preço, mostra
Cores não poucas. A espaçosa base
Toda semelha na candura à neve:
Negreja a ponta; e variando a massa,
No médio corpo o assucar fuscio um pouco,
Misto verás com o mal-branco assucar.

Não des porém que se perturbe a tacha,
E que num só lugar confusos se amem.
Em partes duas os divide ao mocho:
O níveo tenha os seus, os seus linhos
O que níveo não é também os linhos
Com o sábio hortelão nos hortos aliada
Canteiros vários descrever, e as suas
Diferenciar com tosquado cetro:
Assim pelas abidas variedades,
Primeiro em quadros o tablado ena,
E a cada assucar seu lugar destina.

Al depostos mudamente os cortas
E todo o que aill fór, porque de algum
Cuidado aplicares. Nem tardes muito:
Inteiro um dia, em que os pedacões tenes
Ritualmente vapores, não precisas
Sempre que de Titão o étéreo fúro
Com puro lume abrilhantar as fôrças.
Quando, esvaldo o humor, de tudo em-
pedra

O assucar, o trabalho derradeiro
Expedem os escravos: quais apanham
Os pedacões, quais prontos os repõem
Pesam, nivelam: parte em longos
Os lançam, e com golpes repetidos
Ferindo alternos, com pílicos apor-
ta, té que os concavos lenhos arrastados
Fixam-lhe a tampa com robustos clavos.

Tal da lida o remate. Assim por linhos
Não poucos os assucars se guardam
Nem o pátrio torrão somente amam
Em comércio e delicias: exportam
Por quantos soma além dos muros.
E em quilha impostos de arrogante modo
Transpondo o mauro Abila, o Hispano
As plagas chegam da gelada Arctura.

D'aqui vem, que está, que Brasil nomeia
Famosa Terra, entre os remotos contos
No tanto a louvem, porque exilios tinham
Porque nas matas bálsamos valiosos
Cre, derrame; porque carregada
De preciosos metais, pedras preciosas
Nela corrusquem os diamantes, o ouro
Quanto porque os convívios enriqueça.
C'os sacarina dona, e ambos os Mundos
Com divinos manjares afortunem.

O Clube do Cupim

Ligeros apontamentos para a história da Abolição em Pernambuco

Carneiro Vilela

Quando se dispuser a escrever a história do movimento abolicionista em Pernambuco, não poderá deixar de estudar largamente o Clube do Cupim e de fazer-lhe a parte penégrica, porque um dos principais fatores, senão o principal, do movimento humanitário foi incontestavelmente esse clube.

Sendo do campo abstrato da propaganda, como esta há havia por vez abandonado o de simples inspiração patriótica, se tornou o Clube do Cupim um poderoso agente do ideal abolicionista, sendo de fato, convicto, no sentido do que havia chegado o movimento dos res non verba.

Foi uma mais avulsa a ação imediata e eficaz, repleta de abnegação, reveladora de inextinguível entusiasmo, que se tornou o Clube do Cupim, quando formado de elementos eminentemente populares, baldo de qualquer importância, de prestígio político, de outros prestigios que não os da obra, mas cheio de fé, de patriotismo, de um altruísmo todo espontâneo, todo espontâneo, porque a obra e o resultado de um empenhamento metódico, subordinado a um raciocínio de seita.

Este elemento popular, sendo o que sempre nele prepondera, foi aliciado e unido que, de princípio, se contentava da imensa importância que tinha a travar, e nela a obra, no corpo e alma assumindo as responsabilidades, arrostando os riscos, desde a edição da primeira maioria escravidão, a obra era o risco moral e a consequência, a consequência e a cadeia, o que

constituía o risco material, mais ou menos eminente.

Correspondendo às aspirações nacionais vindas já de tempos longínquos, entretidas sempre pelos ideais acadêmicos da mocidade, existiam diversas associações emancipadoras que, por ocasião de suas festas anuais ou das festas nacionais, iam dentro dos moldes conservadores, libertando alguns escravos por meio de resgate ou por compra das respectivas aforras, si bem que algumas houvesse voluntárias. Era lento, porém, esse movimento e já não correspondia ao ideal que paulatinamente se fora modificando no impulso de Patrocínio e Joaquim Nabuco, no sentido de se considerar o senhor já bastante indenizado pela posse e exploração da sua propriedade escrava. Já não era bastante a emancipação, era urgente a abolição.

O processo conservador tinha de ceder o passo ao liberal. João Ramos e poucos mais já iam ampliando, por conta própria, a ação daquelas associações emancipadoras. O presidente de uma delas, supomos que o Dr. Gomes de Matos, mandando chamar o patriota guarda-livros, o intempestivo ladrão de escravos, exprou-lhe e proceder, afirmando que assim prejudicava o funcionamento das associações, chamando para elas a ostentação e fazendo com que se retraiam as esportulas com que soam indenizar os senhores pelos libertos com que ornavam as suas festas.

Foi desta contrariedade que nasceu a ideia da fundação do Clube do Cupim. João Ramos desagregou-se das emancipadoras, retraiu os seus serviços negando-lhes o auxílio e o seu concurso. Quería

o mais, não podia concordar com o menos. Convidou imediatamente ao dentista Numa Pompílio, patriota sem jaca, de coração sempre aberto para os grandes sentimentos. Guilherme Pinto, entusiasta audaz, Alfredo Pinto Vieira de Melo, então acadêmico ainda, Fernando de Castro Lage e outros, e no dia 8 de outubro de 1884 fundaram eles em casa de Numa Pompílio, à rua Barão da Vitória n.º 54, a sociedade, não emancipadora, mas abolicionista, denominada *Relâmpago*. Foi este relâmpago que acendeu o raio que havia de fulminar a escravidão em Pernambuco.

A *Relâmpago*, à exemplo da *Macanaria*, era sociedade secreta, tinha sinais seus, toques, palavra sagrada, de passe, e outros meios de reconhecimento. Mas como houvesse um sócio que não gurdasse o necessário sigilo, depois de eliminado ele, propoz João Ramos em sessão de 15 do mesmo mês, e foi unanimemente aprovado que a sociedade mudasse a sua denominação para *Clube do Cupim*, alterando-se ou substituindo todos os sinais, palavras de passe, etc. Nunca fora dado a uma associação de tal espécie uma denominação mais adequada e sugestiva. Como aquele nevroptero ou *formica bellicosus* o novo Clube ia trabalhar na sombra a coberto das vislumbres, a minar e minar, e minar, o próprio verme da nefanda árvore da escravidão.

Fundou-se o Clube do Cupim com vinte sócios efetivos, que tornaram por nomes de guerra os das vinte províncias do Brasil. Inspirando-se na admirável organização da *Carbonaria*, cada um destes sócios, tinha as suas ordens, um capitão, este um sub-capitão, que, por sua vez devia ter as ordens ou comandar a vinte auxilia-

res, os quais todos tomavam por nome de guerra o de qualquer localidade brasileira. Foi assim que o Clube do Cupim, conservando sempre os seus vinte membros efetivos, dos quais saía uma comissão executiva de três a cinco, chegou a contar um corpo efetivo de trezentos e tantos auxiliares, cada qual mais dedicado, cada qual mais ativo, todos impavidamente solidários.

Não tinha estatutos, sendo o seu único fim a libertação do escravo. Por todos os meios.

Eis os nomes dos seus instaladores com os respectivos nomes de guerra e os competentes capitães: João José da Cunha Lage — *Amoroso*; capitão Eusebio Colunga (*Carangá*); Fernando de Castro Pass Barreto — *Maranhão*; João Doudo, (*Tamarizera*); João Ramos — *Ceará*; cap. Juvenal Machado (*Acorapé*); Numa Pompílio — *Mato Grosso*; Cap. Sebastião de Arruda (*Mocuripe*); Guilherme Ferreira Pinto — *Pernambuco*; Cap. Veríssimo Doce (*Araceli*); Alfredo Pinto Vieira de Melo — *Minas Gerais*; Cap. Antônio Ceará, (*Maranhão*); Nuno Alves da Fonseca — *Alagoas*; Cap. José de Matias (*Lingüeta*); Gaspar Costa — *Rio de Janeiro*; Cap. Joaquim Cambráia (*Laranjeiras*); Antônio Farias — *Rio Grande do Sul*; Cap. João Capela (*Reberibel*); Luis Gonzaga do Amaral e Silva — *Goiás*; Cap. Rufino Pereira (*Aplicados*); Manoel Joaquim Pessoa — *Rio Grande do Norte*; Cap. Luis Feliciano (*Geriquiti*); Alfredo Ferreira Pinto — *Bahia*; Cap. Dionísio Bastos (*Pacatuba*).

Entraram posteriormente a instalação, completando o número dos vinte: — Wenceslau Guimarães — *Paraná*; Cap. José Bezerra (*Timbó*); Sales Barbosa — *Paraíba*; Cap. Manoel Francisco

(*Serrinha*); Dr. Barros Sobrinho — *São Paulo*; Cap. Francisco Paraguai (*Zumbi*); Dr. José Mariano — *Espírito Santo*; Cap. Nicolau (*Jaqueira*); Joaquim de Oliveira Borges — *Pará*; Cap. Antônio Trindade (*Ilapissuma*); Antônio Ferreira Baitar Sobrinho — *Santa Catarina*; Cap. Luis Napoleão (*Guararapes*); José Manuel da Veiga Seixas, *Sergipe*; Cap. Manuel Vieira (*Itacema*); Argemiro Falcão — *Piauí*; Cap. Israel de Barros (*Cametá*).

Não havia nada de mais popular, com efeito. E era tal o entusiasmo, era tal a atividade de toda essa gente, que meses depois o Clube do Cupim contava com auxiliares dedicados em todas as repartições públicas da Província, na Secretaria do Governo, na da Polícia, nos Tribunais, na Alfândega, no Correio no Quartel General, nos Quartéis de linha e no da Polícia, Telegrafo, em toda a parte, enfim. Os capitães iam exercendo a sua ação e propagavam-se multiplicavam-se.

Foi então que agindo em silêncio, como que nas trevas, com o rigoroso sigilo de bons conspiradores, que se alargou o fruto dos escravos, no princípio de um a um, depois aos dois, aos quatro, e mais tarde aos dez, até chegar à fábrica inteira dos engenhos, alguns dos quais quasi ficaram desprovoados. O auxiliar Lino Falcão distorcia-se em vendedor de fumo, penetrava pelas senzalas, perambulava nos engenhos e aí indutava os escravos à fuga, guiando-os depois para o Recife, onde o Clube os recebia e lhes dava destino para fora da Província.

Fernando de Castro, então acadêmico e orador do Clube, ia passar as férias no engenho de um seu tio e tutor, e daí furtava os seus

(Continua na página seguinte)

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 45,00

FASCICULOS AVULSOS:

Dois Volumes da 1.ª fase (I a VIII) Cr\$ 50,00

Dois volumes IX e X Cr\$ 5,00

Do volume XI Cr\$ 4,00

Brochura dos volumes IX e X Cr\$ 100,00

NUMEROS ATRAZADOS

Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar Telefone 22-0661
toma! B. Tratar com Sérgio Pinheiro.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 16.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
Dr. J. C. de Macedo Soares

AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de
Melhoramentos
em Pernambuco

ESCRITORIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO

PERNAMBUCO

O Clube do Cupim

(Continuação da página anterior)

próprios escravos, sem que se sentissem suspensos. As ordens que a chefatura de polícia dava para a captura dos escravos fugidos, bem como as medidas tendentes a neutralizar a propaganda abolicionista eram transmitidas em cifra no *Clube do Cupim*, de forma que, quasi sempre, aquelas ordens chegavam como os curubinhos de Offenbach.

Nem se condene o sistema, com a antiga acusação de deslealdade e queixandias, principalmente hoje quando vivemos em uma república que foi feita exclusivamente pela deslealdade. Na guerra como na guerra; o único lema do *Clube do Cupim* era libertar os escravos por todos os meios. Todas as armas eram boas e legítimas para fazer triunfar uma ideia que era um patrimônio da civilização, e que se entre povos bárbaros poderia deixar de ser adepta. Demais, o governo nas paroxismos da ruína lançava mão de medidas opressoras, tráfegando-se contra a ideia triunfante e o *Clube* tinha igualmente de lançar mão de todos os meios ao seu alcance para neutralizar essas medidas, não dispondo de força para opor-lhe com aquele sistema estava justamente no seu papel e justificava o seu nome: *era cupim e como cupim* procedia.

Ora, nessa luta que se travava sem bulha, em qual estava de um lado a força com todo o seu prestígio, com todo o seu poder, e do outro a astúcia, o ardil, a providência e a atividade que de episódios se deram, formando-lhe a característica.

A história do *Clube do Cupim* não pode, pois, deixar de ser uma coletânea anecdótica, em que se enfileiram todos os fatos, arriscados uns, burlescos outros, que foram o resultado da sua ação coletiva ou parcial, mas rigorosamente lógicas e patrióticas.

Como por várias vezes a sede em que funcionava fora invadida ou cercada pela polícia, o *Clube do Cupim* já não tinha sede para as suas sessões; reunia-se em toda a parte, ora sob as gêmeiras da Lingueta, ora sob as da rua do Imperador, no meio das pontes, nos fundos de qualquer armazém ou venda, nas lojas de cabeleireiros no meio da rua, até dentro do palácio do governo, fosse onde fosse. Em qualquer ponto, reunia-se a comissão executiva, discutia, deliberava, dava as suas ordens aos capangas que por ali rondavam e estas eram executadas com brevidade com inteligência firmeza, na íntegra.

O intermediário habitual da comissão para os auxiliares era quasi sempre o Sebastião Grande d'Arruda, ou o Juvenal Machado ou o Lino Falcão, uma trindade de heróis sem rios de sangue, nem aparatos belicosos.

Reunidos os negros ou os ingleses como os chamavam, e escondidos, ora na parede dos Afílios, na casa onde mais tarde colocaram uma lápide comemorativa, ora em casa de José Mariano, de Barros Sobrinho, D. Leonor Porto, Hotel Oriental de Antônio de Moraes, ou em qualquer terceiro ou quarto andar desocupado, com escritos para alugar que eram conservados, ali esperavam pelo dia de embarcarem para Mossoró, Aracaty ou Fortaleza, consignados aos chefes abolicionistas destas localidades, e dali saíam aos poucos, a noite alguns caracterizados, disfarçados de marinheiros da armada, de soldados de polícia, de pacatos operários e assim iam escoltados por João Ramos, Numa Pompílio, Barros Sobrinho, Guilherme Pinto e outros e mais uma invisível alcaideia de cupins auxiliares, armados de canos de espingarda à guisa de bengalas, vigilantes e prontos para o que desse e viesse. Mas as medidas eram sempre tão bem tomadas, que nunca se deu um conflito sério nem sangrento. E verdade é que a soldadesca do corpo de polícia era *capim*, como o foram muitos sub-delegados, dentre os quais é de justiça destacar como bene-

méritos o Demétrio Coelho, da Capunga e Costa Lima, do Espinho.

O primeiro embarque teve por colaborador o carnaval e morreu a pena ser narrado. Francisco Lauria tinha em casa, como uma alagada, uma escrava do Barão de Jabotão, e para a sua alforria chegou a oferecer ao illustre titular a quantia de um conto e seiscentos, que foi recusada acintosamente, dizendo a barão que era desleal querer a sua escrava libertar-se. Ora, o escravocrata precisava de uma lição. José Mariano conseguiu, dando a mão à referida escrava e ajudando-a, fazê-la passar do varanda da sala de detrás da casa de Lauria para a varanda da casa de junto, à rua da Imperatriz. Ali estavam de escora o João Ramos, o próprio Lauria e a escrava, devidamente fantasiados, partilhando da baixa verde, atravessaram toda a cidade, impunemente já se vê, e embarcaram a topeira na escadinha do cais da Regeneração em uma barça que seguia na mesma tarde para o Aracaty, consignando-a ao negociante Antônio Rodrigues da Silva Figueiredo.

O bom êxito desta primeira façanha encorajou o clube para as outras e então não houve mais a medir.

Dias depois, havia uma leva de vinte ingleses embarcados na barça *Apody* com destino a Mossoró, e à última hora apareceu o escravo a boleiro do Dr. Francisco Beltrão, por nome Matias, querendo por força seguir naquela barça. Debatido ponderou João Ramos que era perigosa a ida dele para Mossoró naquela ocasião, não só porque sendo filho dali, era ali muito conhecido, como também lá estava então convalescendo o José Beltrão, que o reconheceria. Mas o Matias recalcitrava, ludia e viglância e embarcou no *Apody*, seguindo viagem.

Ora o Xico Beltrão, ao dar por falta do seu escravo e boleiro, no dia seguinte pela manhã, revolveu céus e terras e chegou a saber do ocorrido. Correu ao telegrafo e telegrafou a José Beltrão pedindo-lhe para mandar prender o Matias na barra, Areia Branca, ao chegar a barçaça ali.

Mas também apenas fora expedido este telegrama, recebeu o João Ramos o seguinte aviso do telegrafo: "*Mouro na Costa*". Era a senha e mandara-lhe o telegrafista cupim Júlio Falcão de saudosa memória.

Que fazer? Não era só o Matias que estava em perigo eram os outros vinte ingleses. O João Ramos e os seus companheiros passaram o seu mau quarto de hora: porém a mossa da abolição não se abandonou nesta circunstância, como não se abandonava nunca, e João Ramos inspirado por ela, corre pessoalmente ao telegrafo e passa a José Beltrão o seguinte telegrama: "Matias apareceu. Sem efeito despacho anterior. Francisco Beltrão".

Estavam salvos os vinte ingleses e com eles o Matias, que de Mossoró passou para o Ceará, sem que ninguém o incomodasse.

Havia sido furtada do barão de Aguiar e Silva uma bonita mulata, de que ele tinha saudades por lhe fazer ela muito bom doce, segundo apregoava o próprio titular, que, além de se recomendar à captura da polícia, se pôz a procurá-la, vigiando por si mesmo a ponte do Recife, os cais e as ruas que levavam aos embarcadouros. Os cupins, porém, não se atropelaram com semelhante viglância.

No dia de embarque, rebocaram a mulata de pó de arroz e carmin, dando-lhe um aspecto de verdadeira inglesa ou antes de uma francesa, vestiram-na no trinquês puseram-lhe um chapéu da moda. A barçaça devia levantar ferro à boca da noite por causa da maré e era forçoso fazer-se o embarque à tarde.

Não tem dúvida. As cinco horas e meia Azevedo Marques dá o braço à rapariga e com toda a naturalidade se dirige para o Recife;

ao chegar à rua do Crespo, calçada do Krause, quem há de ele encontrar? O Aguiar e Silva. A mulata estremece e murmura:

— "Meu Senhor!"

Mas José Marques não se atropela: passa rente com o titular e o cumprimenta alegremente:

— "Senhor Barão!"

"Senhor Marques, minha senhora!", responde o Aguiar e Silva tirando-lhe o chapéu, fiado e afavelmente os cumprimenta, sem suspellar sequer que sob aquele involucre ia simplesmente a sua... doceira.

João Cordeiro, o chefe abolicionista do Ceará, lá de passagem para a Corte e a bordo o fôra cumprimentar uma comissão composta de João Ramos, Barros Sobrinho, Numa Pompílio e outros, e quando estavam cumprindo a incumbência do *Clube do Cupim* chegou apressadamente ao vapor o Guilherme Pinto com a notícia de que a polícia dera cerco à casa n.º 44 da rua do Imperador, e do respectivo terceiro andar tirara os ingleses que lá estavam acotados em grande número, recolhendo-os à Casa de Detenção, a fim de serem restituídos aos respectivos senhores, quando reclamados.

Mas quem denunciara o cortejo? Averiguado o caso, veio a saber-se que fora uma rapariga de vida atirada, chamada Vitória, moradora no segundo andar da casa referida, a qual, aborrecida com o barulho que os pretos faziam, perturbando a sua tranqüila gozo de sua vida, dera denúncia à polícia.

Ora, corrido o terceiro andar por João Ramos e Guilherme Pinto, horas depois do varejo polícia verificaram estes que haviam escapado à captura alguns escravos, por estarem ocultos num socavão do sótão, onde a polícia não fôra, desmbrada e satisfeita com a boa presa dos tantos outros. Era urgente tirar dali aqueles cinco ingleses, pois a casa ia ficar de olho e a tal vizinha não era de cassada. Mas a remoção só poderia realizar-se à noite, alta noite

Que fazer então para não ativar a suspeita na denunciante?

Em sessão realizada sob as gêmeiras da rua do Imperador, e a que assistiram José Mariano, Barros Sobrinho, Numa Pompílio e diversos auxiliares que comentavam dentre os cupins solteiros se sorbesse um para passar a noite com a Vitória a fim de entrete-la enquanto os outros tirariam os escravos e dar-lhe-iam destino. Lançada a sorte, em ela, num dos maus arrebatamentos rapazes daquele tempo, cujo nome omitimos aqui não só alenta a natureza do serviço prestado por essa ocasião à causa da humanidade, como também pela posição social que hoje ocupa e principalmente porque sendo um exemplar pai de família atualmente, queremos evitar algumas retroativas.

Mas sendo ele o cupim mais querido da grei, e confessada nobremente a impossibilidade de cumetria de levar a efeito o mandado da sorte, fez-se uma bôsa por entre os risos da salhoia, e lá pela noite velha, enquanto ele entreteinha a Vitória com os fulgores do seu talento, talvez catequizando-a, Guilherme Pinto e o seu capitão Veríssimo Doce (*Aracaty*), de pes descabelos, subiram ao terceiro andar e de lá tiraram surrivelmente os pobres negros que recebidos na rua por diversos auxiliares, foram distribuídos por diversos bolros e por diversas casas com todas as cautelas até que puderam ser despachados para a terra da luz que era o Ceará.

O Quêrós Barros a fim de evitar a fuga dos escravos para o Norte, havia proibido que embarcassem pessoas de cor sem o competente passaporte, e o *Clube Cupim*, em represália, mandou que fosse roubada a única escrava que ele possuía. Encarregou-se da empreza o Juvenal Machado (*Aracaty*) capitão de João Ramos, levando a preta para a casa da Amélia de Barros, aliz-moradora, cremos que na rua da Senzala. Mas como embarcá-la se a polícia es-

tava vigilante e Manoel Major, o chefe miserável dos capangas de campos, tinha os sinais da guerra, que era uma bonita criatura, verdadeira peça — e andava andando pelo embarcadouro?

Salvou a situação o gênio de ariz, mais que o da mulher. Amélia de Barros vestiu a roupa de banho, com todo o rigor, e saltaram-lhe as missangas do pescoço e os correntões do pescoço, e o cabeção de crivo e o turbante assim fantasiada seguiu a rua para o Forte do Matos, onde embarcou sem que pessoa alguma a reconhecesse. João Ramos conduziu-a no trajeto pela rua da Senzala e não a teria conhecido se ela própria não lhe tivesse feito o reconhecimento.

Seria um não acabar a lista de referir agora todos os episódios dignos de menção e o esboçar os diversos ardis postos em prática pela imaginação fértil do cupim para levar d'avante os seus propósitos. Não nos furtaremos, porém, ao prazer de narrar algumas d'entre os muitos que foram a acervo dos nossos apontamentos documentados, e teremos concluído este esboço que já vai longe.

Do engenho do barão de Aguiar havia sido roubada uma família inteira de estimação constante de mãe, uma mulata quasi branca, e onze filhos, dentre os quais alguns ingênuos por força da idade de 28 de setembro, mas que não podiam ser separados da mãe, e esta os queria deixar. O barão não em casa do benemerito proprietário de Paula Mafra — esse pernambuco de alma grande e coração aberto a todos os nobres sentimentos. Tinham de embarcar todos e era preciso achar o meio seguro. Uma família de doze pessoas, João Ramos remota o caso, quando descobriu uma barçaça que lá partiu Mossoró, um velhinho, um tanto respeitável, e sabendo por indicação prévia que ele não era infame a abolição, induziu-o a procurar o guarda-mor da Alameda e o próprio Inspetor, em companhia de

(Continua na página seguinte)

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAIS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manoel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônido Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Faouk Maranhão.

OS PRÊMIOS LITERARIOS DE 1949-1950

A Academia Brasileira de Letras distribuiu este ano as laureas relativas aos prêmios de 1949 e 1950. Foram os seguintes autores premiados:

CONCURSO DE 1949

- Prêmio de Poesia — **Cláudio Bilac** (Poesia) — "Sua de Vasconcelos"
- Prêmio de Prosa — **Carlos de Laet** (Crônica e Conto) — "Mário Gracioti" — "Ranquilidade"
- Prêmio de Versificação — **João Veríssimo** (Ensaio e Conto) — "Humberto Bastos" — "A Brasileira e o mundo moderno"
- Prêmio de Teatro — **Aziz Assed** (Teatro) — "O Casaco Encarnado"
- Prêmio de Língua — **Alfonso Arinos** (Conto e Prosa) — "Quem é a Vila Teresita"
- Prêmio de Crítica e História — **Silvio Romero** (Crítica e História) — "Roberto Alvim" — "Antes e a Crítica"

CONCURSO DE 1950

- Prêmio de Poesia — **Cláudio Bilac** (Poesia) — "Dezessete de Silva"
- Prêmio de Prosa — **Aziz Assed** (Teatro) — "O Deus da Rua"
- Prêmio de Versificação — **João Veríssimo** (Ensaio e Conto) — "Mário Gracioti" — "Meninos de Ouro"
- Prêmio de Teatro — **Alfonso Arinos** (Conto e Prosa) — "Quem é a Vila Teresita"
- Prêmio de Crítica e História — **Silvio Romero** (Crítica e História) — "Roberto Alvim" — "Antes e a Crítica"
- Prêmio de Língua — **Alfonso Arinos** (Conto e Prosa) — "Quem é a Vila Teresita"
- Prêmio de Crítica e História — **Silvio Romero** (Crítica e História) — "Roberto Alvim" — "Antes e a Crítica"
- Prêmio de Língua — **Alfonso Arinos** (Conto e Prosa) — "Quem é a Vila Teresita"
- Prêmio de Crítica e História — **Silvio Romero** (Crítica e História) — "Roberto Alvim" — "Antes e a Crítica"
- Prêmio de Língua — **Alfonso Arinos** (Conto e Prosa) — "Quem é a Vila Teresita"

reagido a visão e a posse de um mundo!

Bem pobre conquista foi essa, em que, correndo a esteira o corpo redondo e fremente de Moisés, símbolo da terra ardente e Babilônia, com as mãos sal cheias de espuma...

Pois, senhores, essa singular conquista representa a alegoria de toda uma existência que, embora mais sacrificada à vida prática que às solidões do ideal, chega a esta altura sem ter ainda daquela obstinação, que Henry James denominava "a loucura da arte".

E já que permito mencionar a experiência da minha iniciação como autor, seja-me também licito evocar dois homens de letras da minha província, cujas auras provincianas, inclusive, pude romper animadamente as resacas técnicas que encontrara para aquela época.

Um deles é Artur de Sales, o magnífico poeta, a quem tanto devêi por sua sugestão daqueles tempos crepusculares, ante a longa e propositiva incursão pela literatura francesa.

O outro mestre foi o saudoso Carlos Chagas, o grande guia de certas gerações de intelectuais, por efeito de cuja convocação, direi assim, resolvi ceder à tentação de publicar um livro.

Com esse livro bem ou mal, pode explicar e cristalizar as inapetíveis vivências que refletiam mais aconchegadas as imagens emocionais do mundo perdido de minha infância.

Se, dessa maneira, ficara exposto ao registro o manancial de poesia, que, porventura, brotava em mim, não sei, que sei é que me vi pouco depois solidificado, para outras direções.

Nessa época, sucedeu-me encontrar a literatura inglesa e foi com a sensação e o entusiasmo do famoso navegador ante os esplendores da Flórida que me atirei à caçada aventureira de atingir os seus mares, intelectuais que havia de me valer o.

Assim principiei uma abstração significativa de angústia. Quando publiquei em 1937 um livro esboçado sobre autores ingleses e claro que corri o risco de parecer um mero propagandista.

Quero deixar esclarecido que sempre fui a essa subalternidade e somente uma alta preocupação me tem dominado o espírito neste particular, a de contribuir para deixar o estrangeiro entre nós, o superior interesse que os nossos antepassados consagraram à grande literatura do país de Milton. A insistência com que supre as minhas naturais limitações, serve, de qualquer modo, para deixar de me sentir permanente a existência de um tesouro da cultura humana.

Não reflexos tão vivos dessa fonte de incomparáveis belezas em nossa literatura, desde os precusores do romantismo até os contemporâneos que alguns deles não poderiam ser interpretados a rigor sem o exame de suas relações com as letras inglesas. Foi a percepção disso que me induziu a estudar, por esse aspecto, a obra de Machado de Assis.

Quando me propus realizar tão delicada tarefa, não ignorava o lado ingrato e mesmo antipático dos estudos de literários. Existe um preconceito de originalidade que, embora generalizado, não consulta ao que há de relativo na criação individual de uma obra de arte e tanto mais prevalece quanto é certo que, em torno das grandes vozes da literatura, abre-se uma aureola de veneração e de respeito, ante cujo fulgor o trabalho impessoal ou científico da crítica muitas vezes parece até irrelevância.

Com relação a Machado de Assis, havia ainda a circunstância agravante de que a simples suspeição de suas influências estrangeiras tinha outrora nutrido um entevado polemico, do qual ficaram resíduos que não desapareceram totalmente.

Escolhendo principalmente o setor inglês para fixar as suas fontes, indaguei-me, até certo ponto a seguir indicações que estavam dadas ou indiretamente na obra do grande escritor ou em estudos a seu respeito, como o de Alfredo Pujol, onde já se encontram as coordenadas para um trabalho daquela natureza.

Colocando, sem nenhum esforço ou exagero, seu plano universal, que deixara esclarecido, a margem de tantas afirmações vagas sobre as suas fontes, que as orientações estrangeiras de Machado de Assis nunca o levariam à imitação vulgar nem à imitação do plágio.

A literatura comparada é uma espécie de ponte sobre a crítica que, longe de se apoiar no raso, afirma-se como um instrumento, em certos casos, indispensável de pesquisas e interpretação da obra estética.

Quer-se frequentemente invalidar ou neutralizar as suas interpretações apontando-lhe imperfeições e defeitos que estão antes do pesquisador que no

método, como a tendência a mecanização ou o vazio de mencionar perentoriamente influências onde não há que semelhantes ou coincidência.

Mas, quando o estudo comparatista pudesse contornar galhardamente esses e outros perigos, sobretudo o que é formado, de maneira tão estreita, em torno ou a propósito de simples analogias, ainda assim a crítica de generalidades não havia de capitular à evidência do papel eminentemente elucidativo desse método, tantas vezes imprescindível à compreensão do processo estético.

Fundamentalmente, crítica é intuição, não há dúvida, mas seria temerário confiar tudo a esse maravilhoso dom do espírito. Pode-se ler uma visão de conjunto da obra literária ou de algumas de suas particularidades que se distinguem por essa ou aquela razão, mas, se quisermos conhecer especialmente a desenvolvimento do espírito e da arte do escritor, ou muito mais aguçado ou é para o exame paciente do seu estilo e das suas fontes que deveremos dirigir as nossas atenções.

A dependência mútua das literaturas é outra justificativa, nem só de imperiosa necessidade do método comparativo, sendo também de que desse jogo de empréstimos e trocas, é que se constitui o patrimônio comum de espíritos humanos.

Quando Paul Valéry declarou que uma quantidade de Sócrates nasceu consigo, evidentemente estava querendo assinalar o fenômeno da identidade de certos espíritos entre si — não importa a época ou a nacionalidade que os separaram —, em razão da qual a influência opera como um fertilizante, fazendo florescer, quase magicamente, ideias latentes, que de outro modo, não desabrochavam tão bem. Nenhum artista pode ainda subtrair-se a esse influxo ascendente que, parecendo estranho, na verdade, corresponde a misteriosos impulsos da vida potencial do espírito.

Exemplo disto é Machado de Assis, ao exame de cujas influências observa-se o que Menéndez Pidal considera a mais alta finalidade desses estudos: o de mostrarem como o pensamento do escritor se eleva por cima de suas fontes, como se emancipa delas e as valoriza e supera.

Confesso que somente depois de examinar as suas fontes é que me apercebi melhor da verdadeira originalidade do escritor de Brás Cubas: a quase inapreciável originalidade de essências que é um privilégio apenas de raríssimos escritores.

Distinguindo-me com a generosa concessão do Prêmio Machado de Assis, deu a Academia Brasileira de Letras um testemunho do reconhecimento tácito da significação e do alcance de meus estudos, naquela direção, e isso constitui a mais alta recompensa a que eu podia aspirar. Ainda porque o mestre de tantas páginas insuperáveis de nossa literatura, tendo



Narcisca Amalia a encantadora poetisa fluminense. A seu respeito Antônio Simões dos Reis deu o ano passado um livro cheio de interessantes revelações.

se não é preciso salientar, R. assim Sr. Presidente em seu nome e no de cada um dos meus ilustres confrades que se encontraram neste recinto para receber o prêmio que lhe foram conferidos, tenho a honra de exprimir à Academia Brasileira de Letras o mais profundo reconhecimento pelas honras com que tão nobremente decidiu premiar a nossa estrofe.

Lição edificante a do grande escritor brasileiro para quem a literatura era um artesanato a exigir esclarecido e paciente manejo dos instrumentos que lhe são próprios: a linguagem e a técnica.

Com sua arte conscientemente exercida e a inquietação de seu espírito, foi ele um exemplo vivo do verdadeiro homem de letras, na sentença de que não dormiu jamais sobre os louros e, portanto, como o Teseu do apolo de Glóe poderá também dizer de si mesmo: "Assim fui sempre, menos envolvido no delírio pelo que tinha feito que solicitado pelo que me faltava fazer, e cada vez o mais importante me parecia que estava por chegar".

Essa casa expressivamente denominada Casa de Machado de Assis, mostra-se bem compreensiva quanto à sua função de, preservando o idealismo espiritual, não deixar inteiramente desamparada a inquietação criadora de cada geração. A vigilante receptividade com que acompanha o processo contínuo de renovação de valores, abrindo as suas poderosas antenas às múltiplas manifestações da inteligência brasileira, torna-se incontestavelmente fiel à responsabilidade de suas tradições, o que é de apoiar e salvaguardar as realizações meritorias do espírito.

Bloquente prova aqui está, nesta brilhante solenidade, cuja significa-

ção não é preciso salientar, R. assim Sr. Presidente em seu nome e no de cada um dos meus ilustres confrades que se encontraram neste recinto para receber o prêmio que lhe foram conferidos, tenho a honra de exprimir à Academia Brasileira de Letras o mais profundo reconhecimento pelas honras com que tão nobremente decidiu premiar a nossa estrofe.

Vários autores dos séculos XVII e XVIII

(Continuação da página 106)

Documentos inéditos do Arquivo do E. de S. Paulo. Papéis do Marechal José Arrouche de Toledo Rendon. Documentos interessantes para a História e costumes de S. Paulo, tomo IV.

João de C. Siqueira — Crônica de Curitiba — tomo IV da Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo. José Arrouche de Toledo Rendon — Fragmentos de um diário — no Arquivo de S. Paulo.

Pedro Taques de A. Paes Leme — Mobilarchia paulistana.

Sacramento Blake — Dicionários bibliográfico Brasileiro — vol. 2.º pag. 184.

Saint-Hilaire — Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Sainte Catherine.

Teixeira de Melo (J. A.) — Cartas Anchietae (prefácio).

O CLUBE DO CUPIM

(Continuação da página anterior)

Antônio Carlos, e a dizer-lhe que viera a Pernambuco unicamente buscar uma cunhada que ficara viúva há pouco tempo, ficando carregada de filhos e paupérrima e que lhe era muito difícil tirar passaporte e preencher outras tais formalidades. O Antônio Carlos foi tão eloquente junto ao Guardador da Aldeia, que o resolvido foi este dar ordem ao Guardador para consentir no embarque sem passaporte. Estava segura a polícia marítima, mas a de terra? Como lidar-lá? A tarde, a mulata quasi branca, trajando rigoroso luto de viúva recente, bem como todos os filhos e filhas, partiram da casa de Paulo Mafra, em dois carros por este fornecidos, e

seguiram para o Forte do Matão onde embarcaram cerimoniosamente, sendo recebidos na baraca pelo velho também de luto para representar melhor o seu papel.

Mais uma vez a polícia bulhada e os Cupins contaram um triunfo.

O último embarque de escravos realizou-se a 23 de abril de 1888 sendo que para pagar as respectivas passagens desses últimos ingleses, não havendo mais dinheiro em caixa, emprestou Adolfo Rodrigues Lima a quantia de trezentos mil réis... que nunca mais recebeu nem há de receber, ficando-lhe como saldo de boas ações.

Contava essa leva de cento e dezesseis escravos. Desceram, à noite, do Poço da Pena, da casa de José Mariano em uma canoa de

capim conduzida por Guilherme Pinto até a Capanga, partindo daí da casa de Dativo Bastos no porto das Graças rebocados por dois botes de José de Matias (Lingueta) — o almirante dos Cupins indo fundar defronte da casa de banhos onde passaram para a baraca Flor de Jardim, pertencente a Lase, a qual logo pela manhã, foi um rebocador levar até os confins do horizonte.

Foi a última facanha do Clube do Cupim.

A 13 do mês seguinte, assinava a Princesa Regente a maior lei que o Brasil possui nas suas coleções.

Recife, 13 de maio de maio de 1950.

Carneiro Vilela.

PÁGINA DOS AUTORES NOVOS

XXIX - Rodrigo Luiz de Andrade

• Rodrigo Luiz de Andrade

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 7 de Abril de 1929, e é filho de Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e D. Graciana Sa de Andrade. Fez seus estudos primários e secundários no Colégio Melo e Souza e faz hoje o curso da Faculdade Nacional de Direito.

O CANTO DA NOITE ESCURA

A noite abalou Ouro Preto
Tão do mansinho que ninguém viu;
Ninguém notou a carcela dinda,
A noite é apinhonada pela cidade
Mas muitos sentem, só eu sei.

O adez da igreja, tão branco,
Cantava na escuridão,
Até as pedras choraram,
Choraram com o olhar da noite;
Mas ninguém viu, só eu vi.

Vi a igreja subir no espaço
Como um balão todo branco;
As escuridão do Areladinho
Se tornam duas veias abrigas,
Cantavam línguas de glória,
Aquelas que se criou,
Tocaram nos altos já velhos
Canções também velhas, ouvi.

Até as aves dançavam
Enfiteiras pela música;
A igreja vivia sentinela
Imensa, dominando tudo;
Mas abafando com docura:
Tudo isto, só eu vi.

Mas foi quando lá em cima
Que quebrei: aquela tudo
Com seu toque de silêncio
Os anjos voltaram a pedra,
A igreja desceu do espaço,
Os anjos emudeceram,
As pedras endureceram,
E meu coração se fechou.

TRISTEZA

Na dias em que a tristeza
Invade do mansinho o coração da gente,
Devagar, com medo de ser perturbado,
Por algum pensamento alheio no peito,
E não ficamos melancólicos sem saber
Porque,
Procurando algum motivo para estarmos
Tristes,
Sem deixar que a tristeza fique suinha,
Sem sentir a poesia doce da tristeza!



Rodrigo Luiz de Andrade.

A gente devia sentir e ficar quieto,
Deixando o vên da tristeza subir,
Tomar conta do nosso corpo,
E envolver nossa cabeça;

Repousar na maciez da tristeza,
Chorar pelo simples prazer de chorar,
Fechar nossa memória com cuidado,
Para evitar algum pensamento que surja.

Só então vemos a poesia.
A poesia é fundamentalmente triste,
Sentimos a poesia patinando no ar,
E não chamando com docura,
Sentimos tristes que a tristeza é doce,
Sentimos poetas que a poesia é triste.

Depois de um momento de tristeza, olhamos
do mundo,
Achamo-lo muito melhora,
Na tristeza não há malícia,
Há só um aniquilamento suave, que nos
mata docemente.

SERENATA POSTUMA

Pedro Viola morreu,
Morreu cantando na noite,
Cantando uma valsa triste,
Morreu numa serenata,
Cantando pra sua namorada,
O Pedro morreu feliz,
O Pedro viveu cantando,
E morreu como viveu,
Na noite do seu enterro,
No cemitério soturno,
Surgiram vultos escuros

Num silêncio respeitoso,
Trazendo seus violões,
Sentaram-se sobre o túmulo
Do seu velho companheiro,
E a valsa rompeu chorosa,
Leve, triste, graciosa,
Levando para as alturas
A peteca dos entoadores,
Os sons subiam de manso,
Enrolavam-se nas árvores
E lá ficavam vibrando,
Penetravam pelas campas
Para alegrar os defuntos,
Nasquelas cordas tristonhas
To uma última prece,
A prece dos contadores,
Foi esta última prece
Que levou a alma de Pedro
Diretinho para o céu.

SAUDADE

Eu sei que algo passou,
Uma sombra, um vulto vago,
Uma visão esmaecida pelo tempo,
Um sonho, uma realidade, quem sabe,
Algo que passou sem deixar marca,
Que deslizou pela minha alma cansada,
Alguma coisa que passou, apenas que
passou.

Só deixando saudade
Teria sido um amor, uma alegria,
Ou, talvez, um instante de silêncio?
Nada, tudo é vago,
Só resta a lembrança de que fui feliz,
Sei que essa felicidade não voltará nunca,
Mas que importa? Já fui feliz,
E ainda guardo a saudade,
Guardo, calado, a saudade de um amor,
de uma alegria,
Ou, talvez, de um instante de silêncio,
A cidade está parada,
Um silêncio estranho bola sobre tudo,
So vive ali uma saudade imensa, infinita,
Das sombras que passam silenciosamente,
Dolentemente,
Ouro Preto não mudou.

Os vultos dos que morreram ainda vagam
pelas ruas;
Gonzaga chorando e pedindo perdão,
Marília,
Claudio arrastando a corda com o pé,
enfereceu,
Alvarenga chamando Bárbara,
Nas noites escuras,
Todos se reúnem à frente do Tijuco,
E choram, pedindo perdão,
O herói, com um sorriso triste,
A todos perdão,
Ando pelas ruas, sem ritmo,
Sudo ladeiras, desço ladeiras,
Tudo é igual,
Tudo tristemente igual,
Ali, um violão chama alguém,
Um chamado triste e sem esperança,
Os cemitérios das igrejas estão tristonhas,
Para que ninguém vá perturbar a paz
dos mortos,
As igrejas velam pela cidade,
Com o olhar calmo e severo da eternidade,
No céu, as estrelas são cegos,
Velando o imenso caixão que trouxe
A cidade morta.

A ALMA DO VIOLÃO

Silenciosamente, a noite já caiu,
E pela rua sem fim eu lá triste,
Sentindo na frente o brilho de estrelas,
Da luz que me olhava indiferente,
Fui de repente — os sons brotaram de
tudo,
Um violão solitário e um seresteiro,
Na tristeza daqueles sons, eu ouço,
Os lamentos que meus lábios não dizem,
Não era o canto de uma alma apaixonada,
Nem a esperança acompanhava aquela voz,
Era a canção saturada da saudade,
Sem esperança, só um simples solfège,
E eu, sozinho pelas ruas lá calado,
Na noite que, serena, me assusta,
Tento, em vão, guardar um no peito,
Da alma que na rua se espelha.

LIVROS NOVOS

Cultura — ano 1 — maio-agosto de 1949 — n.º 2 — revista quadrimestral publicada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde — 292 págs. 1 — págs. assinado — Dep. de Imprensa Nacional 1950 — Rio de Janeiro.

Cultura, Levi — Joaquim Nabuco e Rui Barbosa duas vidas paralelas — conferência pronunciada pelo Doutor Levi Carneiro, Conselheiro Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, a 25 de julho de 1949, no salão da Biblioteca do Palácio Itamaraty — Ministério das Relações Exteriores — divisão cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — serviço de publicações — 49 págs. — Dep. Imprensa Nacional.

Departamento de Imprensa Nacional — 49.º aniversário da comemoração do 122.º aniversário da fundação do Departamento de Imprensa Nacional — edições de 1949 — Rio de Janeiro — 1950 — 30 págs.

Dias, Alexandre — Torturas — 2.ª edição — Rio 1945 — Est. Gráfica Canto e Rêta J 122 págs. índice incluído.

No caminho da espiritualidade — 2.ª edição — Rio 1945 — índice 120 páginas — 123 págs. índice incluído.

Diário Econômico — n.º 56 — maio de 1950 — ano VI — págs. índice na folha de rosto — Gráfica S. José — São Paulo.

Hilton, Romal — Joaquim Nabuco e a diplomacia anglo-americana — 1 — Joaquim Nabuco e a Inglaterra & 2 — Joaquim Nabuco e os Estados Unidos — Romal Hilton professor de Línguas Românicas, Diretor dos Estudos Hispano-Americanos da Universidade de Stanford, Califórnia — 43 págs. — 1 fotografia de J. Nabuco — Edição do Inst. Brasil-Estados Unidos — Rio 1949.

Instituto de Aquecimento e do Alcool — Brasil, brasileiro — ano XVIII — volume XXXV março - 1950 — n.º 2 — 92 págs. — Editora "O Construtor" S. A. — Rio de Janeiro.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Conselho Nacional de Estatística — Produção Agrícola — separata do Anuário Estatístico de 1949 — ano X — 1949 — Rio de Janeiro — Serviço Técnico do Inst. Brasileiro de Geografia e Estatística — dezembro de 1949 — 70 págs. Comércio — idem — 103 págs.

Finanças Públicas — idem 83 páginas.

Instituto Rio Branco — Diplomatas — diplomatas de 1949 — curso de preparação à carreira de diplomata — orações pronunciadas por ocasião da conclusão do Curso de Preparação à Carreira de Diplomata, em cerimônia realizada no Salão de Conferências do Museu de Petrópolis, em 13 de janeiro de 1950 — Ministério das Relações Exteriores — serviço de publicações — 32 páginas índice incluído.

Macedo, Emanoel — O Marquês e suas relações — prefaciado por Alexandre Dias — 2.ª edição — Bahia 1947 — 221 págs. — 2 págs. índice — 1 fotografia da Est. Emanoel Telles de Macedo.

Montenegro, Olívia — Um revolucionário na Paraíba — conferência proferida na Escola de Engenharia de Pernambuco por ocasião das comemorações do 1.º aniversário da revolução pernambucana — 34 págs. — Imprensa Oficial — Recife 1949.

Revista Brasileira de Estatística — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — ano X — junho-setembro de 1949 — n.º 29.

Ros, Adolfo Moraes de — A Filha — Oráculos — Editora A Noite — 143 págs. — 1 págs. índice — várias fotografias.



Auto-retrato de Alberto Guignard. O grande pintor brasileiro reside hoje em Belo Horizonte, onde dirige a Escola de Belas Artes de Minas Gerais.